

37:028
2794
9C=1
C=98569830

Junho – 2006

BIBLIOTECA
NEMAT

Campus Unio. de Mato Grosso - MT

RG N.º 00114539

Data 16 / 10 / 2006

() Compra (X) Doação () Permuta

Maria de Lourdes Alves Cordeiro

A RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA

Monografia de conclusão do curso de graduação em letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Letras.

Prof. Ms Flávio R. G. Benites

Pontes e Lacerda / 2006.

*Turna
2006/1*

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Prof. Flávio Benites (Orientador)

Prof.

Prof^a.

DEDICATÓRIA

Dedico, a meus familiares que
muito me apoiaram e esperaram por
esse momento de vitória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar sempre, a minha família pelo carinho e compreensão durante os quatro anos de luta.

Ao meu orientador Flávio Benites que muito contribuiu orientando nas leituras.

A leitura não é um ato que se dá apenas pelo domínio alfabético. Trata-se de uma ação dotada de profundo sentido social – participação, criação, construção.
(José Marques de Melo)

RESUMO.

Este trabalho monográfico tem como objetivo compreender o processo de leitura no ensino-aprendizagem.

Assim, na busca dessa compreensão embasaremos nos teóricos: Paulo Freire, Maria Helena, Kleiman, Orlandi e outros, os quais tratam especificamente a leitura, seja na apresentação de conceitos, ou na definição dos processos: decodificação, compreensão, interpretação e fluência.

Diante dos conceitos de leitura apresentados pelos teóricos, abordaremos algumas implicações mostrando pontos positivos e negativos do ensino no âmbito escolar, bem como, analisaremos a forma como professor de Língua Portuguesa trabalha o ensino da leitura com alunos da 5ª série do Ensino Fundamental na Escola Estadual Conquista D'Oeste. Para tanto, discutiremos os métodos a aprendizagem do educando com relação a metodologia aplicada no ensino de leitura.

Palavras Chaves:

Leitura – leitor – interpretação – método.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I – A LEITURA E ALGUNS OLHARES TEÓRICOS	11
II – A RELAÇÃO LEITURA E ESCOLA	17
III – O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS	30

INTRODUÇÃO

“... é preciso estarmos constantemente abertos ao novo e ao diferente para poder aprender e crescer. É preciso aceitar a mudança, a novidade, venha de onde ela vier”.

(Paulo Freire)

Aprender a ler e Ler para aprender, esta é a questão. Sabe-se que a leitura causa cansaço, dores e até exige técnicas para acontecer.

O hábito de leitura inicia-se nos manuais didáticos e progressivamente aprofundam-se aos estudos científicos, lembrando que para cada leitura faz-se necessário uma técnica para chegar a uma boa compreensão.

Ler não é só um meio para interagir com os semelhantes e com as formas de cultura da sociedade, mas também uma forma do homem se tornar mais consciente, através do conhecimento, compreensão e da interpretação do mundo em que vive.

Assim, leitura também é vista como forma de libertação do homem, pois à medida que descobre o mundo, através da leitura, mais condição terá de discutir, propor idéias, com mais segurança e liberdade.

Contudo, é na escola que o aluno aprende a ler, como também aprender métodos e técnicas de leitura formal, facilitando sua comunicação e interação em seu meio sociocultural. Portanto, é preciso despertar a leitura nos educandos, enfatizando a importância da seleção do material que se pretende ler, porque nem toda leitura é saudável e faz bem a vida.

A princípio quando nos referimos a leitura, imaginamos ler de tudo e rapidamente, talvez algo desconecto e que acaba sem estímulo para ler, mas o importante em primeiro lugar é a boa escolha e depois criar um ritmo próprio para que a leitura aconteça, mesmo porque o leitor não está apostando uma corrida e tampouco sendo levado à força.

Mediante dúvidas profissionais no ensino-aprendizagem de leitura, é que muito se tem falado na qualificação do professor na área, para que melhor desempenhe sua função em sala de aula. E o próprio docente tem visto esta necessidade e estão, senão todos, a maioria buscando o aperfeiçoamento.

Mesmo com todo desempenho do profissional da educação quanto à qualidade do ensino, ainda alunos chegam a quinta série do Ensino Fundamental com grandes dificuldades na leitura, isso porque não lêem com fluência a que é esperada deste nível. Dificuldade esta que implica nas demais disciplinas escolares.

Diante desses fatores e como futuros educadores, surgiu o questionamento profissional do porquê de os alunos chegarem à quinta série com tantas dificuldades na leitura. Assim, pretendemos observar a maneira como o professor de Língua Portuguesa direciona o trabalho com a leitura em sala de 5ª série, na Escola Estadual de Conquista D'Oeste. A partir daí, descreveremos os métodos aplicados pelo professor no processo da leitura, bem como verificarmos o aprendizado do aluno em relação ao método proposto.

Assim, nesta pesquisa, abordaremos diversos enfoques interacionais sobre a leitura, os quais embasaremos nos teóricos: Paulo Freire, Maria Helena, Kleiman, Orlandi e outros. E para melhor distribuição do assunto dividiremos o trabalho em três capítulos:

No primeiro capítulo, denominado "A leitura e Alguns Olhares Teóricos", apresentaremos vários conceitos da leitura nos quais os autores esclarecem que para alcançar a leitura efetiva o aprendiz passa pelo processo da decodificação, compreensão e interpretação, inserindo a estes conhecimentos de mundo, o contexto pessoal e social.

No que concerne ao segundo capítulo, "A relação leitura e escola", trataremos algumas implicações do ensino da leitura no âmbito escolar. Os teóricos supracitados apontam pontos positivos e negativos presentes no ensino-aprendizagem, incluindo métodos, interação e mediação profissional.

No último capítulo, intitulado "O ensino-aprendizagem da leitura", analisaremos o trabalho docente de Língua Portuguesa em sala de 5ª série do Ensino Fundamental. Através dos estudos feitos, discutiremos a cerca do trabalho do professor, ou seja, a forma como o professor direciona o trabalho com a leitura, procurando relacionar seu método com os pontos de vista arrolados no capítulo primeiro.

I - A LEITURA E ALGUNS OLHARES TEÓRICOS

Leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que configura mediante a interação entre autor e leitor, dependendo de seus conhecimentos, interesses, objetivos do momento.

(Ângela Kleiman)

Leitura é um termo que usamos cotidianamente, mas que às vezes não levamos em consideração o seu significado. Ao depararmos com a palavra “leitura”, imediatamente a relacionamos ao ato da decodificação, forma escrita. Porém, decodificar não basta, implica também interpretar o que se lê. Portanto, leitura, em primeiro momento, pressupõe a capacidade de identificar palavras (decodificar) e interpretação processo significativo de uma mensagem representada pelo código escrito.

A sociedade brasileira conceitua leitura, tanto no nível de senso comum como institucional, incluindo-se a escola. No entanto, Paulo Freire diz que antes de lermos as palavras, somos capazes de ler o mundo, algo não descrito em palavras. Portanto, pensar a leitura não é apenas pensar o ato de decodificação e sim interpretação do código escrito.

Paulo Freire no seu trabalho apresentado em Campinas na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura aborda a importância do ato de ler. Ele afirma que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele”. Ainda dá testemunho de como sua experiência existencial se deu no ato de ler. “Primeiro a leitura do mundo, do pequeno mundo em que se movia; depois a leitura da palavra que nem sempre ao longo de sua escolarização, foi a leitura da palavra mundo”. (FREIRE, 1982:20)

O conceito de Freire significa que leitura acontece muito cedo em nossa vida. Desde ao nascer entramos em contato com o mundo e este passa a ser percebido e compreendido seguido de significações. Essas percepções e compreensões são indícios de primeiras leituras.

Importante lembrar que as experiências, as leituras de mundo são adquiridos inicialmente de maneira informal no seio familiar e que gradativamente serão transformadas e ampliadas na vida escolar e meio social. Segundo Freire, a leitura do mundo é fundamental para que a leitura da palavra e interpretativa sejam efetivamente concretizadas.

Maria Helena Martins, em sua obra "O que é Leitura", também concorda com as idéias freirianas. Ela esclarece que o ato de ler não é o da decodificação de palavras, porque além do processo de decifrar, temos capacidade de ler expressões com indícios de tristeza, alegria, dor e até mesmo fazer leitura de uma paisagem, uma figura, um quadro, etc.

Dessa forma, a autora ressalta a importância e a necessidade da formação do leitor de mundo, ou seja, aquele que decodifica e compreende as diferentes linguagens que fazem circular a cultura. A leitura, de acordo com Martins envolve três níveis básicos : sensorial, emocional e racional, lembrando que são as histórias a experiência e as circunstâncias de vida de cada leitor, no ato de ler, bem como as respostas e questões apresentadas pelo objeto lido, no decorrer do processo, que podem evidenciar um certo nível de leitura.

O nível sensorial no ato de ler envolve os cinco sentidos: visão, tato, audição, olfato e paladar. É um processo que acontece muito cedo e nos acompanha por toda vida.

A leitura emocional acontece através dos sentimentos: emoção, alegrias, tristezas e saudades.

Já a leitura racional é intelectualizante, ou seja, raciocínio abrangente que se dá pela capacitação.

Em outras palavras, esses aspectos se relacionam, ou melhor, se encontram, pois na procura de um entendimento de um texto desenvolve-se o nível sensorial. Quando envolve-se ou participa dos sentimentos alheios, temos o nível emocional e ao buscar entender o que não está dito no texto, realiza-se dessa forma o nível racional.

Esses níveis de leitura influenciam na vida do leitor. Cada nível possui característica diferente, porém não existe hierarquia para acontecer e sim uma tendência da leitura

sensorial anteceder a emocional e esta suceder a racional, dando suporte maior ao amadurecimento do leitor. Portanto, os três níveis de leitura estão inter-relacionados, sendo um ao outro privilegiado. Martins esclarece: “O homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos”. (1994:81)

Ainda com relação à leitura, tanto Maria Helena como Freire conceituam o ato de ler em “decodificação” e “compreensão”. A autora menciona que por mais que o ato de compreender seja um processo que exija do leitor raciocínio, ambas não atuam separadamente. O ato compreensivo da leitura acontece a partir do momento da decodificação, em que o leitor relaciona suas experiências com o texto lido e, sendo assim, um depende do outro. A autora destaca: “decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível” (MARTINS, 1994:32).

Paulo Freire em conformidade com a autora acrescenta que a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação da palavra, mas se estende na inteligência do mundo, no qual além da compreensão do texto, uma leitura crítica implica percepção das relações entre texto e o contexto, ou seja, relacionar o lido com a realidade do mundo.

Diante desta visão, podemos constatar que decodificar é uma técnica que se adquire na escola, na alfabetização (ler, escrever). Já leitura necessita da interação de vários conhecimentos para se efetivar, isto é, o leitor precisa engajar ao que lê conhecimentos de mundo emergindo dessa forma o significado do texto.

Já Ângela Kleiman (2002), no livro “Texto e Leitor” enfatiza que a leitura para acontecer efetivamente precisa vir de uma necessidade, de um desejo do leitor. No entanto, faz-se necessário que o sujeito leitor tenha suas expectativas e sinta motivado a estabelecer os objetivos da leitura.

Segundo a autora, os objetivos da leitura nas atividades escolares precisa estar presente, pois através da explicitação dos mesmos é que possibilitam aos educandos alcançar compreensão do texto e para confirmar essa idéia Kleiman esclarece: “(...) na

leitura de textos mais previsíveis, de não ficção, a leitura com objetivos bem definidos permitirá lembrar mais e melhor aquilo lido”. (2002:34)

Vale ressaltar também que, além dos objetivos, outros aspectos são relevantes no ato de ler, pois a leitura compreensiva requer do leitor uma relação dialógica entre leitor, texto e contexto, fatores intimamente relacionados e que se completam no processo de significação. O leitor precisa entender a posição do autor, os objetivos que o levaram a escrever, considerar seu contexto. Isso não quer dizer que o leitor deixe-se seduzir pelo texto, mas sim uma autonomia ao posicionar-se perante o mesmo, tendo direito de opinar, tirar suas conclusões, seu significados, tornando-o conhecedor de seus próprios direitos.

Mediante essa perspectiva, entende-se que o profissional é a ferramenta principal para despertar no educando os meios para alcançar uma leitura efetiva, processo este que acontece na interação professor/aluno, estabelecendo juntos seus objetivos e, assim, estimulá-los à reflexão, à predição, enfim a questionar sobre o texto.

De acordo com a autora esse procedimento é de natureza metacognitiva, ou seja, atividades relevantes que levam o leitor a ter controle de seu próprio conhecimento, enriquecendo o “fazer” e “saber” enfim obtem-se melhor compreensão do texto, alcançando uma aprendizagem completa. Em pleno acordo com o processo, a autora acrescenta: “A leitura desmotivada não conduz aprendizagem” ou ainda “(...) nossa capacidade de processamento e de memória melhoram significativamente quando é fornecido um objetivo para uma tarefa”. (Kleiman, 2002:30).

Eni Orlandi, em sua observação, enfatiza que a leitura é um processo bastante complexo e que envolve muito mais no imediatismo na ação de ler. Para a autora, “saber ler não é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o que ele constitui dando-lhe significado”. (Orlandi, 1993:11). Outra característica mencionada por Orlandi refere-se às diferentes formas de abordagens da leitura, tratando de vê-la não somente como mera decodificação ligando-a às muitas formas de linguagem.

Entre as instâncias da linguagem, o processo parafrástico e o polissêmico são os constituintes das várias linguagens. A leitura parafrástica conceitua-se pela admissão, assimilação ou reprodução daquilo que é dito.

Enquanto que a polissêmica caracteriza-se pelos inúmeros sentidos apreendidos num mesmo texto. O leitor, ao fazer uma leitura polissêmica, irá observar que o texto faz sentido, produz sentido ao ser relacionado com outros textos, com os fatores sociais que favoreceram a constituição dos sentidos; fato que escapa à leitura presa somente à superfície textual.

Podemos dizer que este processo de leitura possui características distintas, porém ambos se completam na interação leitor e texto, pois estes multiplicam-se, principalmente se a este texto engajar a criticidade, fator importante para desencadear o processo de significação.

Ezequiel Theodoro (1996) na obra "O ato de ler", se diferencia dos outros teóricos citados por focalizar mais a leitura crítica. O autor afirma que a criticidade num texto é o que garante o caráter libertador do leitor em que se conscientizam que o material escrito não visa ao simples reter, memorizar ou reproduzir literalmente a mensagem, mas ao ato compreensivo, às idéias postas pelo autor, tendo autonomia de suas próprias idéias, construindo, dessa forma, também sua produção de texto. Segundo Theodoro:

a criticidade faz com que o leitor não só compreenda as idéias vinculadas por um autor, mas leva-o, também a posicionar-se diante delas, dando início ao cotejo das idéias projetadas na constatação. (1996:80)

Portanto, podemos dizer que leitura é um processo que se inicia desde o nascimento e se prolonga durante a vida, tendo cada vez mais capacidade de evolução e isto acontece de acordo com as interações no convívio social. A capacidade de lermos o mundo antes mesmo de conhecer o significado das palavras é importante, pois estas por sua vez conciliam, interagem com as experiências naturais ampliando assim os horizontes de conhecimentos e

essa dimensão se constrói especificamente no ensino de Língua Portuguesa na instituição escola.

No próximo capítulo, verificaremos algumas implicações no ensino da leitura no âmbito escolar.

II - A RELAÇÃO LEITURA E ESCOLA

a aprendizagem é construída na interação de sujeitos cooperativos que tem objetivos comuns (...) essa interação consiste na prática comunicativa de pequenos grupos, como professor ou seus pares.
(Ângela Kleiman)

Pensar leitura na escola implica pensar vários processos envolvidos: decodificação, compreensão, interpretação e fluência.

Vimos anteriormente que a decodificação é a capacidade lenta de decifrar palavras, sem a necessidade de consciência. A compreensão abrange parte da união de palavras e frases do texto, seguido da interpretação, ponto de vista crítico do leitor. Já a fluência pressupõe automaticidade, competência, ou seja, implica leitura rápida acompanhada de consciência e criticidade.

Para a sociedade brasileira, a leitura se constitui efetivamente na escola. Porém, atualmente, no processo do ensino, acontecem alguns equívocos, os quais na maioria são refletidos em práticas desenvolvidas em livros didáticos. É nessa prática constante que resultam na formação de não-leitores, "crise de leitura", pois os manuais escolares são direcionados, ou seja, trazem atividades prontas relacionadas ao próprio ponto de vista do autor e que não leva o aluno à aprendizagem, pois não condizem a sua realidade.

Muitos educadores ainda têm dúvidas com relação ao ensino de leitura. Para eles "crise de leitura" significa a ausência de textos escritos. Assim se prendem, se deixam dominar pelo livro didático, não buscam outro meio, outros textos fora da escola que contextualize com a realidade, a vivência do educando. Maria Lúcia em "Questões de linguagem" afirma que neste caso os professores "Trabalham com a leitura *"da escola"* e não com a leitura *"na escola"*". (1986:76).

Portanto, pensar a leitura implica também incluir o contexto, a aprendizagem natural, os conhecimentos dos alunos engajados na leitura da escola.

Maria Helena Martins, no livro "O que é leitura", considera a valorização do contexto pessoal na aprendizagem do educando. Segundo a autora, a progressão de leituras se dá através das experiências vividas:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações, que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos estabelecer relações entre experiências e tentar resolver os problemas que nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras. (MARTINS, 1994:17).

De acordo com a Martins, compreendemos que a aprendizagem de leitura na escola, inicia-se no aluno a partir do processo natural de conhecimento, quer dizer, com as experiências inseridas ao processo de leitura. Nesse caso cabe à escola avançar o processo natural de aprendizagem, num sentido amplo, oferecendo variados textos em que os educandos tenham liberdade de opinar sobre eles e o professor sirva de mediador entre o texto e leitor. Segundo Maria Lúcia a aprendizagem de leituras serão produtivas se:

O professor sonda, acompanha, propõe diversificados textos e com dificuldades diferentes para o aluno ir ampliando seus horizontes de expectativa não só ante conteúdos, temas, conceitos e histórias que tais textos veiculam, veria possibilidade de conhecer diversas maneiras de se interpretar, representar ou captar o mundo pela palavra.(1986:75)

Na citação acima, vemos que o professor é o facilitador do conhecimento em que oportuniza, dá condições para que o discente no processo de aprendizagem aprenda a relacionar suas experiências à compreensão de textos.

No contexto brasileiro, a escola é o lugar onde se aprende a ler e a escrever e também espaço onde muitos têm pela primeira vez acesso aos livros. Porém, as formas de ensinar acabam se restringindo apenas ao livro didático, recurso que torna o leitor ignorante. Os livros didáticos seriam no caso um ponto de partida para a aprendizagem. Maria Helena (1999:25) deixa claro que:

Esses textos condensados, supostamente digeríveis, dado a ilusão de tornar seus usuários aptos a conhecer, apreciar e até ensinar as mais

diferentes disciplinas. Na verdade resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler.

Com relação à aprendizagem inicial, sabemos que a criança que tem no lar uma base de leitura possui maior probabilidade de se tornar um leitor apto. A escola neste caso servirá como ponte no processo educacional na formação de leitores.

José Marques Melo, (1999) no seu artigo na obra "Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura" também mostra seu ponto de vista com relação ao livro didático e ao ensino da leitura na escola. Segundo o autor, "o hábito de leitura não se aprende de forma compulsória na escola. Esse processo inicia-se no núcleo da educação informal, que é a família e encontra sustentação na vida comunitária. A escola contribui para sedimentá-la". (1999: 73)

Por outro lado, defrontamos com a realidade, pois nem toda criança tem um lar propício a interesses culturais e, assim, deparam na escola com os manuais escritos, trabalhados de uma forma desprazerosa, obrigatória e os alunos perdem o interesse, ao incentivo à leitura. Melo acrescenta: "o leitor formado obrigatoriamente a partir de tarefas escolares deixa de ser leitor quando abandona a escola, torna um leitor casual". (1999:71).

Eni Orlandi em sua observação sobre o ensino destaca que "na escola não se tem procurado modificar as condições de produção de leituras do aluno: ou ele já tem as tais condições (...) ou ele é obrigado a decorar, imitar, repetir". (1999:59).

Vemos uma crítica da autora com relação ao ensino da leitura na escola. Segundo essa autora não são valorizadas as diferenças, as condições de conhecimentos do educando e que acabam prejudicando os menos favorecidos, os quais passam a adotar uma aprendizagem mecânica, sem significado.

Toda leitura tem sua história, assim como todo leitor também tem a sua história de leitura. Conforme Orlandi "leitura é o momento crítico da constituição do texto (...) momento privilegiado, pois desencadeiam o processo de significação". (1993:37). A autora

defende que ao trabalhar leitura deve permitir ao aluno construir sua própria leitura, ou seja, através das leituras de textos relacionar, engajar sua história ao conhecimento legítimo.

Na situação escolar é comum não se levar em conta o fato de que o aluno é uma pessoa que vive num determinado contexto – histórico – sócio – cultural, portanto possui uma visão de mundo e participa da construção de uma realidade. Ao chegar à escola não é uma tábua rasa onde vão se imprimir simplesmente alguns conhecimentos sistematizados. Nesse caso, o papel da escola deve ser o de possibilitar a ampliação de seus conhecimentos para ampliar, por consequência, suas possibilidades de leituras. Na concepção de Orlandi: “Todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação (...). O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo das significações”. (1993:18).

É preciso ainda superar no ensino de leitura, a concepção de interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto.

Ao trabalhar a leitura na sala de aula é necessário que o professor compreenda o que está por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos. Aprender a ler e ler para aprender requer esforço. Então, é necessário fazer com que os educandos achem que a leitura é algo interessante, desafiador, conquistado plenamente.

Portanto, aprender a ler é sempre um meio, nunca um fim. Pensar no aluno que, quando entra na escola, não sabe decodificar letras, porém já tem sua leitura de mundo, faltando-lhes apenas algumas orientações. Por isso, o incentivo fortalecendo o seu prazer pela leitura, não ensinando só a ler, mas criar condições ao aluno para formar sua própria aprendizagem, permitirá que o mesmo busque na leitura o que mais interessa e satisfaça suas necessidades pessoais.

Mediante essas implicações no ensino e como futura educadora, é que proponho a observar como vem sendo tratado a questão da leitura na escola e assim é o que descrevermos no próximo capítulo.

III - O ENSINO – APRENDIZAGEM DA LEITURA

Educador – educando e educando – educador, no processo educativo cognoscentes diante Libertador, são ambos sujeitos de objetos cognoscíveis, que os mediatizam.

(Paulo Freire)

Partindo do pressuposto de que a leitura é uma prática sociocultural inserida nas relações de poder da sociedade e que a escola é vista como mediadora responsável pela formação de leitores é que se propõem pesquisar, e buscar maiores informações sobre o ensino da leitura, principalmente em séries que apresentam inúmeras dificuldades.

Para subsidiar a análise deste trabalho foram feitas observações em uma sala de 5ª série do Ensino Fundamental na “Escola Estadual Conquista D’Oeste”. E, para evitar constrangimento, foram omitidos nomes de alunos e docente.

A pesquisa teve como principal objetivo, observar a maneira como o professor de Língua Portuguesa direciona o trabalho com a leitura na 5ª série, bem como verificar e analisar o aprendizado do aluno com relação aos métodos aplicados.

Ainda para sustentar o discurso contido no *corpus* deste trabalho foram utilizados vários teóricos os quais contribuíram com a pesquisa da leitura no âmbito escolar*.

Ao observar as aulas da professora, percebe-se que desenvolve um bom trabalho com relação à leitura. A abordagem inicial da metodologia demonstra ser interessante, onde a mesma apresenta um texto intitulado “sexa” estruturado em forma de diálogo, o qual tivera trabalhado anteriormente, mas retomou-o para solicitar aos alunos uma produção escrita, também em forma de diálogos.

O docente, tomando como referência o texto citado, fez algumas observações sobre a importância dos sinais de pontuação para a compreensão da leitura.

* As idéias dessas teóricas foram apresentadas nos capítulos anteriores.

Essa metodologia aplicada pelo professor, compreende a importância da revisão de um texto, abordando pontos gramaticais para uma melhor compreensão da aprendizagem posterior, no caso a produção escrita.

De acordo com este processo Kleiman afirma que:

A compreensão (...) não se dá necessariamente durante a realização da tarefa, na interação com o professor, ao propor as atividades que criam condições para o leitor em formação, retomar o texto e na retomada, compreendê-lo. (2004:9).

Com relação ao método utilizado pelo docente na sala de aula, nota-se um ponto significativo o qual trouxe bons resultados a aprendizagem do educando, em que a partir de conhecimentos de um texto deveria vir a construção dos próprios alunos. A estratégia para a produção escrita foi solicitada em duplas, na qual percebe-se que houve a interação entre os discentes, pois os mesmos discutiram, trocaram idéias enquanto produziam o texto.

Durante a atividade o professor observado mostrou-se mediador, orientador do conhecimento, atendendo individualmente os alunos e em especial os que apresentavam maiores dificuldades.

Para a socialização dos textos produzidos, o docente sugeriu a organização da sala em círculo para a leitura em voz alta. Durante a leitura, compreende-se então que os educandos se engajaram na escrita pelo conhecimento de mundo, contexto social no processo interativo. Ângela Kleiman em "Texto e Leitor" prioriza esse conhecimento na aprendizagem escolar. Segundo a autora:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza leitura que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante, a interação de diversos níveis de conhecimento como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. (2002:13).

Conceitua-se que leitura e escrita são atos complementares, ou seja, ambos dependem um do outro para que haja construção de conhecimentos significativos. E assim é possível fazer

relação com os textos* produzidos pelos alunos observados.. Nota-se que os textos produzidos apresentam características de conhecimentos, cotidianos e pessoais, implicando valores, crenças e atitudes; que se leva a concluir que a aprendizagem do conhecimento sistemático não acontece desvinculado do conhecimento natural. Conforme Kleiman:

Ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criado. (2004:10).

Em uma outra atividade, terceira e quarta aula, o professor solicitou que os educandos abrissem o livro didático em uma determinada página e observassem várias figuras, as quais tratavam sobre contos de fadas, sendo imediatamente reconhecido. Mais adiante, também no manual didático havia vários títulos e fragmentos de contos. Através dos títulos, o docente explorou-os, instigando os discentes a contar a história. Já com relação aos fragmentos sugeriu que lessem e identificassem a que história se referia. Nesta abordagem, nota-se que o profissional buscou meios para despertar e cultivar o gosto pela leitura.

Após o trabalho com as figuras, títulos e fragmentos dos contos, a professora sugeriu que os educandos fossem até a biblioteca da escola e trouxessem livros ainda não conhecidos ou lidos por eles para fazer leitura em sala. Porém, a biblioteca não possuía livros suficientes.

Então o docente propôs para a próxima aula que os mesmos trouxessem de suas casas.

Na aula seguinte, o profissional também trouxe de sua casa livros de literatura infantil (contos) e distribuiu entre os alunos, solicitando que, após uma leitura silenciosa, houvesse uma socialização do tema recontado a história.

* Confira anexo.

Observa-se que ao adotar essa metodologia o professor incentivou nos educandos o desenvolvimento de uma leitura parafrástica por meio da qual se busca no texto o sentido dado pelo autor.

Ao analisar as atividades desenvolvidas na sala, compreende-se que o interesse do educador estava focalizado à leitura, no entanto, em nenhum momento o trabalho teve como objetivo analisar a interpretação do aluno. Sua preocupação era fazer com que os alunos lessem, mesmo que não parecesse de muita contribuição no momento. A leitura era feita mecanicamente, sem significado, o educando simplesmente lia e recontava, sem nenhuma postura crítica, expressão de suas próprias idéias. Mas, segundo Eni Orlandi “(...) leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que desencadeia o processo de significação”. (1993:37).

O processo de leitura utilizado pelo docente na sala de aula não pode ser considerado sem nenhum valor. No entanto, ele poderia enriquecer este trabalho com os alunos intervindo com suas próprias leituras, fazendo a intermediação do objeto lido com o leitor a ponto de fornecer-lhes subsídios para criar situações que os estimulem a pensar, a questionar de forma crítica o texto. De acordo com este procedimento, Kleiman esclarece:

não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto (...) que os alunos não perceberam, pontos obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão. (2004:24).

Um outro aspecto negativo notado durante as aulas é que o professor esteve o tempo todo envolvido, preso às atividades fornecidas no livro didático, este intitulado “Aprendendo a Ler e escrever Textos” (ALET) 5ª série. Maria Helena em “O que é Leitura” faz uma crítica a essa atitude, segundo a autora: “Encobre-se, desse modo, o receio de um diálogo franco e crítico (...) bloqueando oportunidades raras de realizarem-se leituras efetivas, conseqüentes; de se desenvolverem verdadeiros leitores”. (1994:27)

Assim, compreende-se que o livro didático é apenas um complemento, um suporte básico para a leitura, ou seja, não quer dizer que o profissional precisa alienar-se a eles, ao contrário é necessário inovar, variar os textos, criar condições para que os discentes compreendam e interpretem os valores postos nos manuais escolares. Theodoro confirma esse ponto de vista dizendo que:

Ao trabalhar (...) em uma escola, o professor está interessado em que seus alunos adquiram experiências. Estas experiências podem ser adquiridas através de um livro texto, com textos elaborados e mimeografados, através de discussão em grupos, de pesquisas bibliográficas e de campo. (1996:32).

Vale ressaltar que as aulas observadas foram especificamente na disciplina de Língua Portuguesa. No entanto, nada impede que seja realizado também em outras áreas, pois qualquer profissional do ensino - aprendizagem está implícito ou explicitamente envolvido no processo compreensivo de leituras. Portanto, não cabe ser a responsabilidade somente do professor de Língua Portuguesa e sim de todo corpo docente.

Mediante os estudos feitos pode-se dizer que atualmente o aprimoramento da leitura se dá dentro dos moldes coerentes e inovadores, isto é, no entendimento, na compreensão e na interpretação do texto. No entanto no decorrer das observações nota-se que a prática do docente estava restrita apenas aos sentidos construídos do texto. Sua maior preocupação aconteceu com a técnica, a metodologia a ser aplicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo,
por isso aprendemos sempre.

(Paulo Freire)

Com base nos estudos teóricos, os quais abordam diversos aspectos sobre a leitura, compreendemos que tornar-se leitor efetivo implica ultrapassar alguns processos: para chegarmos a outros: decodificação, compreensão e interpretação crítica. Esses conhecimentos são concretizados na instituição escolar e realizados efetivamente se o conhecimento natural está engajado ao ensino sistemático.

Os caminhos que percorremos possibilitou-nos ver que a escola tem papel fundamental na mediação do conhecimento de leitura, pois exigem estratégias de intervenção apropriadas. Vimos que atualmente o modelo tradicional de compreensão vem sendo substituído por modelos centrados na interação, *“leitor”*, *“texto”* e *“contexto”*. Assim a função do professor volta-se para um ajustamento da sua prática, aos conceitos de leitura que discutimos o que pode provocar uma inovação no ensino aprendizagem da leitura.

Nas aulas observadas na sala de 5ª série, vimos que o docente possui bom conhecimento com relação à leitura, entretanto, deixa dúvida no método aplicado, pois o mesmo conserva no ensino o modelo tradicional. A leitura ocorreu basicamente na utilização de textos do livro didático no qual abordou leituras que atendessem as dificuldades dos alunos, porém desenvolveu apenas a leitura parafrástica, processo este que não leva o aprendiz a ter a postura de um leitor crítico.

Vimos que o uso do livro didático no ensino escolar nem sempre é favorável para despertar o prazer pela leitura, mas sim um ponto de partida para o conhecimento e que, partindo desse instrumento, podemos adequá-los ao nosso contexto, à realidade do educando.

Os enfoques de leitura que apresentamos exige do profissional que lida com a linguagem com um maior cuidado, uma vez que o consideramos um grande responsável por provocar em seus alunos uma leitura crítica, refletida. Mesmo assim, muitos deixam a desejar, porque sua forma de trabalhar com o texto apresenta-se de maneira mecânica e sem produzir sentidos, o que pode ocasionar uma leitura desprazerosa, desmotivada.

O olhar que lançamos nesse trabalho permitimos ver que há outros caminhos, que se pode percorrer; pesquisar sobre a leitura, por exemplo, é uma das formas de adquirir conhecimentos e procurar relaciona-los com a prática.

Dessa forma, esperamos que este ensaio possa contribuir nem que seja minimamente, para o processo de ensino-aprendizagem da leitura. Além disso, acreditamos que esta proposta seja um passo para outras investigações, principalmente com função social de instigar mudanças na prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 25. ed. – São Paulo. Cortez, 1982.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: teoria e prática. 10. ed. – Campinas, SP: Pontes, 2004.

Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 8. ed – Campinas: 2002.

MELO, José Marques. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. in: Barzotto, V. H. (org). Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Leitura na escola e na biblioteca. 5. ed – Campinas, SP: Papirus, 1995.

O ato de ler. 7. ed. – São Paulo: Cortez, 1996.

SOUZA, Maria Lúcia. Leitura na escola. in: Martins, Maria Helena (org). Questões de Linguagens. 5. ed. – Contexto, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez, 1993.

ANEXO

Observação: Nº. 1
Data= 15/03/06
Público Alvo= 5ª série
Tempo:= 90 minutos (02 aulas)
Disciplina = Língua Portuguesa
Metodologia = Texto “Sexa”
Recapitulação do texto, abordando a forma de diálogo e os sinais de pontuações.
Atividade para fixação do mesmo.
Resultados = Os alunos com base na explicação e no texto produziram os seus próprios.

Observação: Nº. 2
Data = 20/03/06
Público Alvo = 5ª série
Tempo = 90 minutos (02 aulas)
Disciplina = Língua Portuguesa
Metodologia = Abordagem com figuras, títulos e fragmentos de contos.
* Pré-leitura explorando os mesmos
* Leitura silenciosa
* Exposição oral
Resultados = Os educandos reconheceram com facilidade as figura e fragmento dos contos.
* Socializaram os contos através dos títulos.

Observação Nº. 3
Data = 23/03/06
Público Alvo = 5ª série
Tempo = 90 minutos (02 aulas)
Disciplina = Língua Portuguesa
Metodologia = Livros de Literatura infantil (contos)
* Leitura silenciosa
* Socialização das mesmas
Resultados = Os educandos socializaram fazendo uma leitura parafrástica.

20. Movimento

Sexa

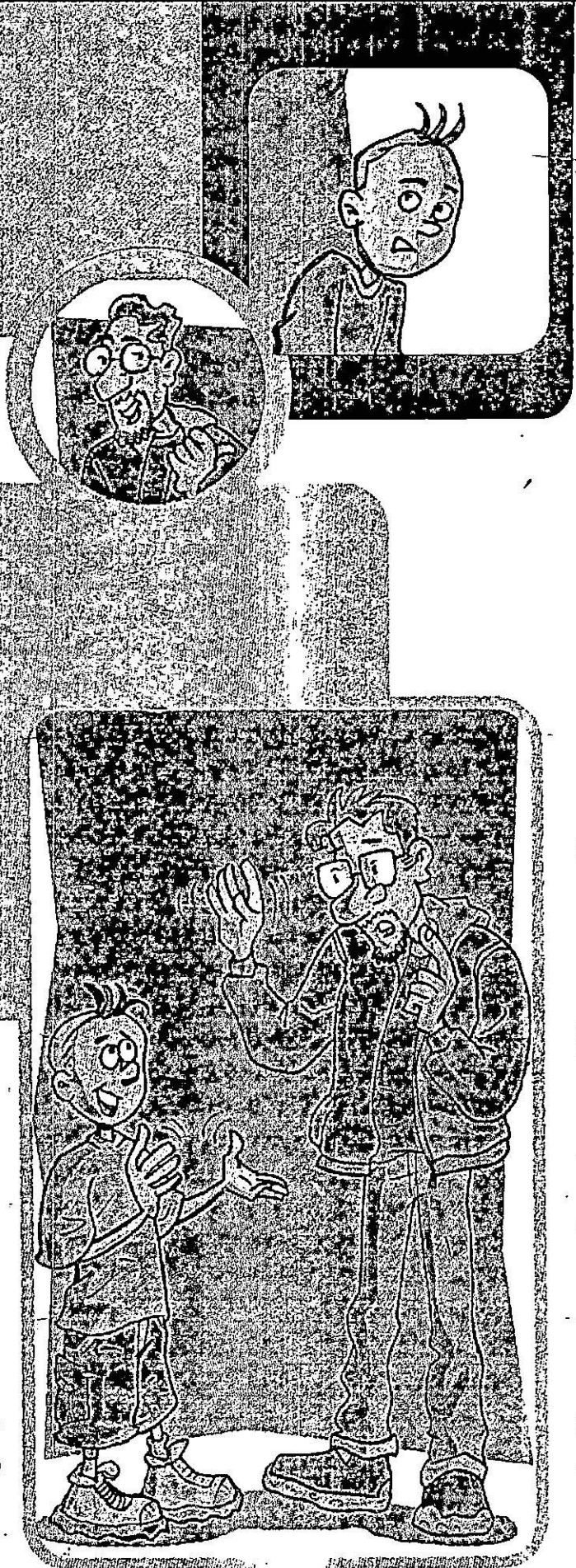
- Pai...
- Hummm?
- Como é o feminino de sexo?
- O quê?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem sexo masculino?
- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos:

Masculino e feminino.

- E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.

— O sexo pode ser masculino ou feminino.
A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.

- Não dev.a ser "a sexa"?
 - Não.
 - Por que não?
 - Porque não! Desculpe. Porque não.
- "Sexo" é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
 - É. Não! O sexo da mulher é feminino.
 - E como é o feminino?
 - Sexo mesmo. Igual ao do homem.
 - O sexo da mulher é igual ao do homem?
 - É. Quer dizer... Olha aqui. Tem sexo masculino e sexo feminino, certo?
 - Certo.
 - São duas coisas diferentes.



- Então como é o feminino de sexo?
 - É igual ao masculino.
 - Mas não são diferentes?
 - Não. Ou são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
 - Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
 - A PALAVRA é masculina.
 - Não. A “palavra” é feminina. Se fosse masculina seria “o pal...”
 - Chega! Vai brincar, vai.
- O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
 - Por quê?
 - Ele só pensa em gramática.

(Luís Fernando Verissimo, *Para gostar de ler. Júnior. Festa de criança.*
São Paulo: Ática, 2000.)



Homem Nu O (idem 1997, BRA)
Direção: Hugo Carvana. Com: Claudio Marzo, Isabel Fillardis, Lúcia Verissimo, Daniel Dantas, Milton Gonçalves, Maria Zilda Bethlem, Denise Bandeira. Um forte temporal impede a viagem de avião que o pesquisador Silvio Proença faria do Rio para São Paulo. Encontrando no aeroporto um grupo de amigos músicos, Silvio acaba passando a noite no apartamento de uma bela mulher, Mariaiva. Ao acordar, Mariaiva lhe pede que pegue o pão que acabou de chegar. Silvio obedece, mas a porta bate assim que ele sai no corredor. Surpreendido assim nu, no corredor, pelos vizinhos, o homem é forçado a fugir pelas escadas antes de poder dar qualquer explicação. É o início da epopeia de Silvio pelas ruas do Rio, caçado pela polícia e pela imprensa como louco, tarado ou até mesmo terrorista. E agora? Esta segunda versão para o cinema do famoso conto de Fernando Sabino, que assina o roteiro, obteve o prêmio de melhor ator para Claudio Marzo no Festival de Gramado de 1997. A primeira versão, dirigida por Roberto Santos e com o ator Paulo José papel principal, é de 1967. 78 min. Europa/Carat Home Video.

É mãe e a filha

Mãe...

O que foi minha filha?

O que que é escola?

É escola minha e a onde a gente aprende a ler, educar e aprender a ler e escrever.

Mãe, eu vou a escola?

Não minha filha porque você está com

cinco anos de idade.

É quando eu vou lá?

Quando você estiver mais grandinha!

Então porque se um ano é a mesma

coisa que eu vou a escola.

No primeiro dia de aula a mesma coisa

mas amiguinhos.

chegando com uma a mesma coisa.

Mãe!

Mãe, foi muito legal eu ter muitas

amiguinhas.

— Olha, bem minha filha, porque de hoje

em diante você vai a escola até você ser

adulta na vida.

no dia seguinte a mesma coisa para

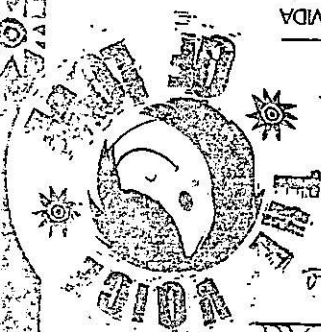
a escola e disse amiguinhos e que

vezes quem tem quando cresceram

ela disse: — eu vou a escola sem

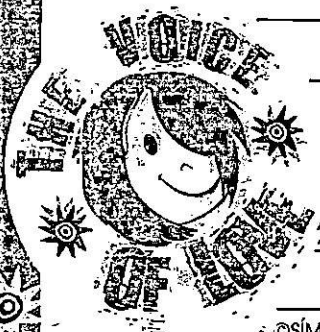
adivinha. então você vai a

escola e a mesma coisa.



atrevida

em adroçado e foi feliz Com meu Mãe.



©SÍMBOLO/REVISTA ATREVIDA

credent

Mãe e a filha

Mãe: mas eu não quero ir escola hoje.
Filha: porque não? Se hoje é Segunda-feira.
Mãe: hoje eu vou a escola?
Filha: não, porque hoje é o primeiro dia do domingo.

Mãe: eu não vou a escola porque eu preciso

mas para onde que você vai?

Mãe: hoje eu vou na casa da minha tia.

Mãe: minha filha, porque não diga para ir

no domingo?

de mãe?

Mãe: posso pois hoje é um dia muito especial para a filha, mas eu não me lembro que hoje é um dia muito especial para a filha.

Segunda-feira é um dia muito especial para a filha.

de mãe a lembrança mãese lembra que hoje é o aniversário dela?

minha filha! Eu não me lembrava que

hoje é o aniversário de sua tia.

mas é hoje mãe Segunda-feira.

mas filha não me lembra faltou a escola

para o aniversário e a mãe.

mas não eu preciso ajudar mas entendi

é porque precisa faltar a escola

do mãe! Então eu vou a escola mas a

mãe eu vou ajudar no aniversário de minha

a minha filha.

O serrado

Marco Você vai o serrado
Hoje?

Vou sim

Que horas você vai voltar?

Não sei a hora mais acho que até as
três horas da tarde estou de volta?

Marco quanta caixa de abelha
você vai olhar?

Vou olhar pelo menos 20 caixas

Marco você deixa eu ir com você
outro dia que você for ao serrado?

Sim se você quiser ir comigo eu
deixo não tem nenhum problema

Que legal!

Agora sosia

é mãe e a filha

- mãe

- que minha filha?

- que vai por de amigos?

- vai por como de amigo

- Hummm... que gestos? como de

família

- e que vai por de polímeros?

- vai por papa

- mais e que mamãe?

- geléia, biscoitos

- biscoito mamãe por mamãe

- que vai por de amigos?

- Hummm e amigos estão os

gestos

- um minha filha amiga

estava omeio

Hum